

Pastore otimista com a viagem encontra hoje 206 banqueiros

William Waack

Londres — Surpreendido com as "reações favoráveis" que encontrou até agora, o presidente do Banco Central, Afonso Celso Pastore, vai tentar convencer hoje também os representantes de 206 bancos europeus e alguns do Oriente Médio a participarem da atual fase do reescalonamento da dívida externa brasileira. É a penúltima etapa de sua volta ao mundo em busca do apoio de 800 bancos credores, encarregados de fornecer ao Brasil 6,5 bilhões de dólares, num pacote estimado em 11 bilhões.

— Tive boas surpresas nessa viagem. As reações não foram aquelas que se dizia que iríamos receber — disse o presidente do Banco Central, ontem, após seu primeiro dia de trabalho em Londres.

Pastore almoçou com diretores do Banco Lloyd's, depois de ter visitado os dirigentes do Banco da Inglaterra. À tarde, encontrou-se com os banqueiros brasileiros presentes na City (área financeira) londrina.

Mudança de clima

"Acho que podemos contar com os ingleses. O Banco da Inglaterra, evidentemente, não pode obrigar ninguém a participar de coisa alguma, mas a atitude geral aqui tem sido muito construtiva. Estou notando, de algumas semanas para cá, uma forte mudança de clima em favor do Brasil", disse Pastore.

Para justificar sua crença na mudança de expectativas que registrou em relação ao Brasil, Pastore citou o exemplo dos bancos do Oriente Médio. Ele desembarcou domingo à noite em Londres, vindo diretamente de Bahrein — depois de ter passado pelo Canadá, Honolulu (onde esteve com banqueiros dos EUA) e Tóquio.

— A reunião acabou sendo altamente construtiva. Não foi nada daquilo que me diziam — afirmou Pastore.

Acompanhado de um alto funcionário do Fundo Monetário Internacional, o diretor-gerente-adjunto, William Dale, o presidente do Banco Central expõe, nessas reuniões, os principais dados e perspectivas do Governo brasileiro para a recuperação da economia nacional e o pagamento da dívida externa.

— As perguntas que temos recebido são questões interessadas de gente que parece disposta a participar, e não simples justificativas para encobrir pouca vontade em ajudar ao Brasil — disse Pastore.

Pelo correio, os principais banqueiros estão recebendo a pilha de dados e informações já entregues anteriormente pelas autoridades brasileiras aos Governos, reunidos no Clube de Paris.

As principais projeções do Governo brasileiro, que Pastore está transmitindo aos bancos particulares, são as mesmas contidas na Carta de Intenção assinada com o FMI. Um dos objetivos do Governo junto aos bancos, explicou Pastore, é obter o desembolso antecipado de uma parcela de 3 bilhões de dólares da fase 2 do reescalonamento da dívida externa, para depois obter o restante — prometido pelos bancos em quatro parcelas de 875 milhões de dólares, cada.

— Esses 3 bilhões poderão ser até menos, pois estamos refazendo caixa, pagando atrasados do mês de julho e melhorando nossa situação devido às exportações — afirmou.

O presidente do Banco Central não quis dizer qual foi, até agora, sua etapa mais difícil. Ele reconheceu da parte dos bancos canadenses, com os quais se encontrou, em Toronto, uma atitude positiva. Dos bancos regionais americanos, bastante hesitantes em aumentar sua participação nos problemas brasileiros, diz ter obtido a garantia de tomar parte no novo

"jumbo". Faltam, principalmente, alemães e suíços, com os quais Pastore vai se avistar amanhã, em Zurique.

Ceticismo

Alguns banqueiros que ainda não estiveram com o presidente do Banco Central continuam bastante céticos. Um representante de um dos maiores bancos alemães, que vai encontrar-se com Pastore, afirmou que não acredita na realização do pacote dos 6,5 bilhões de dólares. Sua opinião contrasta fortemente com as informações que circulam na City londrina, segundo as quais pelo menos os ingleses "não vêem outro jeito" senão participar do "jumbo".

Para alemães e suíços, o Banco Central não teria fornecido, até agora, dados precisos sobre o quanto o Brasil deve, na verdade, aos bancos particulares. "Não posso convencer ninguém no meu banco a colocar mais dinheiro no Brasil se não sei quantos os brasileiros irão pedir algumas semanas mais tarde. Não dispomos desses dados precisos, e não sabemos se a porcentagem de 11% que os brasileiros estão propondo como base para calcular quanto devemos colocar no jumbo é a correta", disse esse banqueiro alemão. (O Brasil pediu aos bancos para aumentarem seus empréstimos em 11%, sobre os níveis de 82).

Pastore considera o problema já encerrado. Por telefone, segundo disse, já ficou acertado com os alemães que a base de cálculo para chegar aos 6,5 bilhões do jumbo são realmente os 11% sobre o montante devido pelo Brasil aos bancos particulares, no final de 82.

Ele se recusou, prudentemente, a especular sobre números, participação individual de cada banco no pacote dos 6,5 bilhões e, muito menos, sobre o noticiário do jornal inglês *The Observer*, para o qual a chefe de Governo britânica, Margaret Thatcher, só estaria disposta a fornecer novos recursos ao Brasil se houvesse negociações sobre o conflito das Malvinas.

— Há muitos sinais e reações vindos de diversas partes, mas acho que não cabe a mim, ainda no meio dessa viagem, tomar partido ou manifestar posições em relação a elas — disse.

Só no Japão Pastore pôde manter algumas conversações também sobre a parte oficial da dívida brasileira, que será reescalonada no Clube de Paris. Nos países europeus, essa parte está a cargo diretamente do Ministério da Fazenda e também do Itamarati. Pastore encerra amanhã seus contatos na Europa e, à noite embarca diretamente de Zurique para o Rio.

Irritação

Em seus contatos com os banqueiros brasileiros em Londres, Pastore forneceu alguns detalhes suplementares de suas conversas durante a volta ao mundo. Os bancos regionais do Oriente Médio, que normalmente operavam com o Brasil, agora não têm mais condições de entrar no jumbo. Esse problema, contudo, já estava previsto pelo Banco Central e pelo comitê de assessoramento dos bancos, que contam, aparentemente, com a desistência de pelo menos 200 bancos em participar do novo pacote.

O encontro de Pastore com os banqueiros brasileiros em Londres foi o compromisso encontrado para contornar a irritação desses últimos com o fato de não poderem participar, hoje, da reunião com os estrangeiros no Teatro Meirmaid, especialmente alugado para a ocasião. "Somos nós que temos de agüentar o dia-a-dia, por isso achamos injusto não podermos entrar nessa reunião", disse um brasileiro.